

PROJETO INTEGRADO

LÍNGUA PORTUGUESA ATRAVÉS DOS SÉCULOS (XVI AO XX) EM BUSCA DO MÉTODO HISTORIOGRÁFICO

Neusa Maria O. B. Bastos (PUC/SP – UPM) coord.

Rosemeire L. da S. Faccina, (UPM)

Maria Ignez S. de M. Franco (PUC/SP)

Dieli V. Palma (PUC/SP)

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa mais ampla desenvolvida no Instituto de Pesquisas Lingüísticas “Sedes Sapientiae” para Estudos de Português da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Núcleo de Estudos de Historiografia Lingüística (*NEHL – IP-PUC/SP*), cujas participantes, além das que apresentam este recorte do projeto, são: Maria Laura Pinheiro Ricciardi, Marilena Zanon e Nancy dos Santos Casagrande. A pesquisa visa a uma reflexão sobre os movimentos da Língua Portuguesa, através dos séculos (XVI a XX), enfocando as implicações culturais e ideológicas referentes às políticas lingüísticas adotadas em diversos momentos do processo de implantação das escolas no Brasil, a fim de se determinar ‘o clima de opinião’ vigente em cada um dos séculos mencionados, bem como, posteriormente, analisar documentos que constituem a gramaticografia lusófona do período. Fixa sua base epistemológica na Historiografia Lingüística, apoiando-se em Altman (1998), Koerner (1996) e Swiggers (1990), e buscando os procedimentos metodológicos para o desvendamento das formas de implantação, expansão e normatização do ensino de Língua Portuguesa sob prismas históricos sucessivos e descontínuos. Este trabalho específico pretende se debruçar sobre uma metodologia historiográfica para sua posterior aplicação nos períodos históricos sob análise.

Na busca de uma metodologia para a Historiografia da Língua Portuguesa, apoiamo-nos não somente nas idéias lingüísticas como produto acabado, mas também nos seus mecanismos de produção e de recepção, com vistas a reconhecer os diferentes movimentos que contribuíram para a formulação do conhecimento lingüístico, que também fazem parte do seu processo histórico. Para iniciarmos nossas considerações sobre a investigação mencionada, partiremos da distinção entre História e Historiografia.

Historiografia não pode ser vista como uma simples ‘crônica’, ou seja, listas de datas, nomes, títulos e eventos ligados às línguas e à linguagem. A atividade historiográfica requer *seleção, ordenação, reconstrução e interpretação* dos fatos relevantes para o quadro de reflexão que o historiógrafo constrói. Não se deve, portanto, fazer a inclusão de quaisquer fatos passados, só por serem passados.

História e Historiografia têm estatutos e dimensões diferentes: não são co-extensivas, suas relações são comparáveis àquelas existentes entre uma gramática descritiva e a língua que ela descreve, segundo Swiggers (1983). A História é a descrição pura e simples dos atos humanos do passado vistos numa sucessão temporal. Os fatos, os acontecimentos são visto e contados apenas tendo em vista a cronologia. A Historiografia, por sua vez, é entendida como uma disciplina que tem como principais objetivos: *descrever e explicar como se produziu e desenvolveu o conhecimento de qualquer natureza em um determinado contexto social e cultural através do tempo* (Altman 1998).

Um olhar sobre a visão kuhniiana de progresso científico nos leva a refletir sobre cada nova etapa de evolução, já que ela implica ruptura com o conhecimento anterior (de teorias, métodos, seleção de problemas e critérios de solução de problemas). Segundo o autor, haveria, de tempos em tempos, ao invés de somente continuidade e acumulação de

conhecimentos, períodos de descontinuidade e ruptura, que seriam responsáveis pela formação de um novo ‘paradigma’, que se destacaria do anterior.

Assim, do ponto de vista de Kuhn (1992), e de acordo com a sua conhecida e controversa distinção entre períodos de ‘ciência normal’ e períodos de ‘ciência extraordinária’, a Lingüística contemporânea estaria em estado de ‘crise’, em busca de um novo paradigma.

Não se pode afirmar que o desenvolvimento da Lingüística do século XX, ou mesmo de qualquer outra disciplina, possa ser considerado linear. Pode se afirmar que a Lingüística não somente acumulou respeitável saber sobre o fenômeno lingüístico, como também multiplicou, muito mais do que nos séculos passados, o número de modelos concomitantemente considerados adequados e válidos. Por exemplo: no referencial chamado estruturalista, a língua é vista como uma estrutura hierárquica de níveis que, ainda que qualitativamente diferentes, relacionam-se, interdependem, formando um conjunto harmônico e coerente, tendo como objeto de análise e descrição, o enunciado frástico. Visto dessa forma, o ‘fazer ciência da linguagem’ implica descrever o sistema das línguas naturais com adequação e coerência, delas abstraindo outros aspectos e dimensões (como o ‘uso’, por exemplo) que não se enquadram na sua regularidade estrutural.

Assim visto, segundo Altman (1998: 29), o objeto, o método e o campo da ‘ciência da linguagem’ se redefiniram completamente em relação à chamada Lingüística Histórico-Comparativa — orientada para o estudo da sucessão de fatos lingüísticos no eixo histórico, materialmente observáveis — uma vez que a comunidade acadêmica da primeira metade do século XX sancionou uma outra orientação para o estudo científico da linguagem, que se lhe opunha: a da descrição vertical de formas e funções lingüísticas, consideradas em sua dimensão psíquica e social, portanto, em sincronia.

Se continuarmos acompanhando a cronologia da ciência lingüística, do ponto de vista interno, em três décadas, observa-se mais uma mudança radical na forma de conceber e de fazer ciência: de um ideal descritivista, passou-se a um ideal teórico. Dessa forma, a descrição dos sistemas sónicos proposta por Saussure — o chamado estruturalismo — poderia ser considerado o primeiro paradigma da linguagem nascido no século XX, resultado da ‘revolução científica’ que se deu em relação ao ideal histórico-comparativo. E o referencial teórico proposto por Chomsky — o chamado gerativismo chomskyano — seria o segundo paradigma, na medida em que postula o objeto-língua como um sistema autônomo de regras, interiorizado por falantes ideais. Essa hipótese provocaria uma mudança no ideal de cientificidade lingüística, tal como estabelecido pelo paradigma anterior. As proposições da gramática gerativa suscitaram algumas reflexões mais globais a respeito das tarefas a serem desempenhadas por uma lingüística da ‘competência’ e por uma lingüística da ‘performance’. O que esse modelo propôs como diferente foi a possibilidade de ultrapassagem do estágio da observação e classificação de enunciados para a formulação de hipóteses mais gerais, capazes não só de descrever, mas ainda de explicar esses mesmos fatos.

Se for feita uma análise desse período da Lingüística contemporânea, entretanto, verificar-se-á que a supremacia momentânea de um quadro teórico em Lingüística não implicou o desaparecimento dos outros já existentes. O que se observa é que os estruturalismos e os gerativismos, embora fossem reconhecidos como linhas de pesquisa hegemônicas do campo, não conseguiram unanimidade em termos de continuidade de sua produção.

O que mais parece é que a cientificidade lingüística tenha se fragmentado em vários paradigmas concomitantes.

Não se deve deixar de levar em consideração, na reflexão sobre os estudos científicos, a importância das proposições de Kuhn na avaliação do progresso de uma disciplina

científica e sobre o fazer dos cientistas, ainda que se deva observar que, a aplicação do seu modelo no estudo da história lingüística implica que se leve em conta outras ponderações.

Tanto é que alguns autores questionaram a possibilidade de aplicação às ciências humanas de um modelo como o de Kuhn, que teve sua base na observação da solução de problemas empíricos no campo das ciências físicas e naturais, cujas práticas de produção parecem ser mais homogêneas e os manuais que as divulgam muito mais parecidos entre si do que os manuais que propagam o conhecimento sobre a linguagem e as línguas. De fato, em Lingüística, estudiosos de ambientes diferentes raramente compartilham das mesmas práticas e até do mesmo tipo de informação, visto que, nos próprios processos de difusão e propagação do conhecimento científico manifesta-se a heterogeneidade da Lingüística. Dessa forma, o historiógrafo da lingüística, ao buscar um modelo que o auxilie na reflexão sobre o desenvolvimento da sua disciplina, deve levar em conta suas alternâncias e recorrências, bem como as retomadas e o surgimento de novos problemas.

Embora haja uma vasta literatura especializada em história, tanto ‘das idéias’, como ‘das ciências’, esses compêndios levam o estudioso a inúmeras direções e não podem oferecer (nem esse é seu propósito) uma orientação metodológica única e segura para o historiógrafo da linguagem e das línguas. Acreditamos que seja a literatura mais recente sobre a metodologia em historiografia lingüística, que apresenta um conjunto de princípios gerais com o qual os historiógrafos contemporâneos parecem concordar, que nos dá algumas pistas. Uma delas, segundo Altman, é que, na tentativa de estruturação dos processos de unificação e diversificação em ciência da linguagem, há, pelo menos, três diferentes dimensões a considerar: a teórica, a temporal e a social. Em outras palavras, na história das ciências, que inclui a história da Lingüística, haverá sempre teorias que diferem em algum aspecto das teorias que as antecederam, e que passam a ser reconhecidas como válidas (ou não), a partir do julgamento da comunidade científica de um tempo e um espaço determinados.

Dessa forma, o historiógrafo deve ter como objetivo descrever e explicar como se adquiriu, produziu e desenvolveu o conhecimento lingüístico em um determinado contexto, tendo, para isso, conhecimento amplo dos diversos campos científicos e favorecendo o restabelecimento dos *sine ira et studio*, segundo Tácito: escrever sem cólera e sem favorecimento o que se passou. Em suas pesquisas, segundo Koerner (1996:47), o historiógrafo explica, tanto quanto possível, as razões da mudança de orientação e de ênfase e a possível descontinuidade que delas se pode observar. Sua prática requer, ainda, capacidade de síntese, isto é, a faculdade de destilar o essencial da massa dos fatos empíricos coligidos a partir de fontes primárias.

Convém mencionar, ainda, que descrever o processo e a atmosfera de uma “revolução em curso” e trazer essas descobertas empíricas para a perspectiva adequada, interpretá-las e oferecer uma explicação adequada dos fatos é tarefa do historiógrafo que segue *princípios*, a saber: estabelecimento do clima de opinião do período e avaliação particular do objeto de estudo, bem como, por meio do conhecimento amplo sobre o campo de investigação específico e sobre a história geral, estabelecimento do quadro de definição do período em que se apoiarão as análises das fontes primárias escolhidas como *corpus*.

Dessa forma, considerando que um programa de teorias lingüísticas não se desenvolveu em total isolamento do clima intelectual geral do período ou das atitudes particulares mantidas pela sociedade que promoveu a atividade científica, não se julga possível estudar os movimentos da Língua Portuguesa, por meio de suas gramáticas, produzidas sempre com um objetivo didático-pedagógico, sem se considerar a idéia da influência, o debate da continuidade e descontinuidade e a questão da metalinguagem, apenas para citar alguns exemplos.

É preciso definir o conceito de clima de opinião por nós adotado: o mapeamento da atmosfera intelectual de um dado período em que certas idéias florescem, são recebidas ou

rejeitadas (Becker, *apud* Koerner 1996:51). Deve-se, portanto, no trabalho historiográfico, caracterizar o período a ser estudado em todos os aspectos que delineiam uma sociedade, a saber: filosóficos, sociais, políticos, econômicos e culturais, procurando investigar como se deu o desenvolvimento do meio em que floresceu determinada disciplina. Estar-se-ia, por meio desse procedimento, buscando a dimensão “externa” da investigação historiográfica.

Deve-se considerar, ainda, para as investigações historiográficas, a existência da dimensão ‘interna’ dos paradigmas para a qual, segundo Swiggers, pode-se utilizar o termo ‘programa de investigação’, quando se referir às dimensões teórica e/ou metodológica da disciplina. Segundo o autor, há quatro tipos principais de programas recorrentes: programa de correspondência, programa descritivista, programa sociocultural e programa de projeção.

O conceito de programa de investigação aqui adotado deve ser entendido em dois sentidos; o primeiro, restritivo, uma vez que pressupõe uma determinada concepção do objeto-linguagem no trabalho do lingüista; e o segundo, não-restritivo, permitiria detectar visões comuns do objeto-linguagem e do fazer lingüística. O programa de investigação permite detectar, então, de forma globalizada, a dinâmica interna do conjunto de problemas e interesses privilegiados por uma comunidade científica e a maneira preferencial de estudá-los. Ao lado da noção de programa que constitui a base para a análise dos conteúdos valorizados pela produção lingüística brasileira, usada por Altman (1998), é necessário incluir o conceito de ‘tradição de pesquisa’, por caracterizar uma tradição brasileira de pesquisa lingüística.

Quanto à dimensão social dos paradigmas, pode-se afirmar que, no século XX, se tem assistido a uma multiplicidade de domínios, teorias e métodos concorrentes, concomitantes, que, além de pleitearem igual estatuto de cientificidade, são tidos e reconhecidos como tais. É nesse multifacetado século que a necessidade da divisão do trabalho foi reconhecidamente acentuada e o mundo assistiu a uma incomparável aceleração dos processos de institucionalização e profissionalização dos cientistas, o que resultou em inúmeros grupos.

Ao lado de outros cientistas contemporâneos, Murray 1994 (*apud* Altman 1998) merece destaque já que suas proposições deslocam o eixo de observação dos processos de unificação e diversificação das ciências para as práticas do cientista. Substitui, no seu modelo, o conceito kuhniano de ‘revolução científica’ pelo de ‘retórica revolucionária’, propondo quatro estágios ideais: a) normal – em que há pouca relação entre pesquisadores; b) de formação de liderança intelectual – alguém convincente e de reconhecida capacidade para produzir ciência; c) de ‘sucesso’ social e intelectual – em que mudanças são percebidas e interpretadas como positivas; d) de grupo (*cluster*) – em que há plena conscientização interna dos participantes.

Em se constituindo o grupo de pesquisa, há opções metodológicas que devem ser observadas: periodização, materiais e parâmetros de análise. Nessa busca, encontra-se o grupo que constituímos e que se volta para a definição do quadro principal sobre a produção lingüística portuguesa e brasileira, desde o século XVI até o século XX, bem como para a análise de obras produzidas sobre a Língua Portuguesa no período mencionado.

Temos adotado, em nossa investigação, os três princípios traçados por Koerner (1996):

1º *princípio de contextualização*: trata-se de traçar o clima de opinião (espírito da época), observando-se as correntes intelectuais do período e a situação sócio-econômica, política e cultural;

2º *princípio de imanência*: trata-se de esforçar-se por estabelecer um entendimento completo tanto histórico quanto crítico, possivelmente filológico, do texto lingüístico em questão, mantendo-se fiel ao que foi lido, para o estabelecimento de um quadro geral da

teoria e da terminologia usada, que devem ser definidas internamente e não em referência à doutrina lingüística moderna;

3º *princípio de adequação*: trata-se de, somente depois de seguir os dois primeiros princípios, o historiógrafo aventurar-se a introduzir, colocando de forma explícita, aproximações modernas do vocabulário técnico e um quadro conceptual de trabalho que permita a apreciação de um determinado trabalho, conceito ou teoria, incluindo-se as constatações das afinidades de significado que subjazem a ambas as definições.

Compete ao historiógrafo, portanto, detectar, analisar e explicar as mudanças que houve durante o percurso a ser investigado, sem que seja iludido por aclamações de novidade, originalidade e criatividade, usualmente feitas pela geração imediatamente subsequente. Para isso, deve ser estabelecida uma lista de princípios práticos e teóricos, amplos o suficiente para encontrar aceitação entre os demais historiógrafos, por poderem ser adaptados a períodos diferentes da história das ciências da linguagem e a aspectos particulares de cada investigação. Tais princípios deverão ser linhas guias que *possam fazer nossa interpretação do passado mais transparente para colegas que não necessariamente compartilhem da mesma formação, perícia e interesse* (Koerner 1996:61).

Desse prisma, temos traçado o clima intelectual de cada época, apresentando, neste momento, resultados parciais e reveladores: 1. do século XVI, época em que se produziram os textos de língua portuguesa, em Portugal; 2. do século XVII, época em que ocorreram as transformações no período da expansão da língua Portuguesa no Brasil; 3. do século XVIII, época em que houve as alterações vivenciadas pelo colonizador em relação às novas posturas metodológicas no ensino de Língua Portuguesa; 4. do século XIX, época em que se instauraram as novas perspectivas em Portugal e no Brasil; 5. do século XX, época em que se consideraram os entraves legais e o apego à tradição gramatical como elementos inibidores do desenvolvimento do ensino de Língua Portuguesa.

Em síntese, por meio dessas considerações, podemos asseverar que o clima de opinião dos séculos estudados embasa a compreensão de fenômenos lingüísticos importantes para estabelecermos novos caminhos para “re”-escrever a história da implantação da Língua Portuguesa.

REFERÊNCIAS

- Altman, Cristina. 1998. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968–1988)*. São Paulo: Humanitas.
- Koerner, Konrad. 1996. “Questões que persistem em historiografia lingüística”. *Revista da ANPOLL* 2: 45-70.
- Kuhn, Thomas. 1992. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva.
- Swiggers, Pierre. 1990. “Histoire et Historiographie de l’enseignement du français: modèles, objets et analyses”. *Études de Linguistique Appliquée*, ed. por Daniel Coste, n° 78.